

FADINHA

—
—

O barão de Moreira não esperava que tão brusca-mente se decidisse a sua sorte; no fundo, contava sempre que uma circunstancia qualquer, atrahido-lhe Fadinha nos braços, o dispensasse das responsabilidades do casamento; entretanto, o titular submetteu-se a tudo, resignando-se a perder a liberdade que era o maior encanto da sua vida de libertino.

D. Firmina e os filhos estavam contentissimos. Ella tratava agora os vizinhos e mais pessoas do seu conhecimento com certo ar de protecção, e o Alexandre olhava para os companheiros do armazem e do escriptorio, e lhes falava como se já fossem caixeiros d'elle.

Ao proprio Sr. Volta, socio do barão, homem sympathico e generoso, já se não dirigia o rapaz com o respeito e a submissão de out'ora.

O Pimenta estava radiante, e, com os olhos na prometida lambagem, por todos os raios e modos estimulava o barão para que o casamento se realisasse quanto antes.

Marcou-se «o grande dia» em familia, a 1.º de Maio de 1901, durante o jantar com que se festejou o decimo nono anniversario natalicio de Fadinha, e o

barão, n'um brinde feito à noiva, ofereceu-lhe, com muita delicadeza, o enxoval, que mandaria vir da Europa.

O casamento se effectuaria em Outubro, com todo o luxo e apparato. O barão não mudaria de casa; apenas faria alguns reparos e modificações imprescindiveis em certos compartimentos, e substituiria a sua mobilia de solteiro. O Pimenta foi logo encarregado de todas essas diligencias.

Fadinha dissimulava o mais que podia o seu desgosto. Soffia muito, muito, porque, por mais que tentasse illudir-se a si mesma com a perspectiva de ser baroneza e abastada, não podia esquecer-se de Remigio.

Este, que sabia por pontos travessas de todos os incidentes acima relatados, soffia tanto como Fadinha; consolava-se, porém, com a idea de que ella seria neste mundo, nem mesmo o seu amor, porque elle continuaria a amar-a e amar-a-lhe sempre, embora casada, cheia de filhos, envelhecida, morta!

Entretanto, proseguiram os preparativos para o casamento. Chegou o enxoval, que era riquissimo, e o palacet do barão ficou que nem um brinco.

Os papeis estavam promptos. O Pimenta, que se incumbira tambem disso, não se esqueceu de coiza alguma, nem mesmo do bilhete de confissão comprado a um sacerdote pouco escrupuloso.

Na cidade, um dos assumptos obrigados de todas as conversas era o proximo enlace do barão de Moreira. Toda a gente o elogiava por se casar com moça pobre, e toda a gente o invejava porque essa moça era a mais bonita do Rio de Janeiro.

Fadinha tornou-se, mais que nunca, objecto de curiosidade publica, e mais que nunca o Engenho-Novo foi visitado por pessoas estranhas ao bairro.

Faltava um mez apenas para a celebração do casamento. Era em 15 de Agosto, D. Firmina exigiu que Fadinha fosse com ella à ermida da Gloria levar uma vela a Virgem e pedir a protecção divina.

A moça aquiesceu. No largo da Gloria, no outeiro e na ermida a multidão era compacta. Só á custa de incalculaveis esforços conseguiram as duas senhoras levar a vela ao seu destino. Dentro da ermida Fadinha sentiu-se mal, respirando com dificuldade, queixando-se de dores de cabeça.

— Não ha de ser nada. Vamos para casa, que isso passa.

Metteram-se n'um carro. Quando chegaram ao Engenho-Novo, Fadinha ardia em febre. Foi immediatamente para a cama.

Estavam presentes, esperando as senhoras, o barão e o Pimenta, que se tomara intimo da casa. Este foi logo chamar um medico.

Depois que Fadinha se accommodou, o noivo

NINON DE LENCLOS

escrancia da ruga, que jamais ousou matar-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se jovem e bella, atrahido sempre os pedacos da sua certidão de baptismo que rasgava á cada tempo, cuja fofoe embrotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» vin-se obrigado a dizer o velho rabelgado, como a raposa de La Fontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista fazeira jamais confitaria a quem quer que fosse das pessoas daquelle epocha, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Hygiène des femmes des opales*, de Bussey-Rubatin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISONS LECOMTE, Rue de la 4-Septembre, 35, Paris**. Esta casa tem-n'o á disposiçao das senhoras elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, resumendo as receitas que d'ella provem, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e nos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existente em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e bruna as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações.

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue de la 4-Septembre, 35, PARIS

MAO DE PAPA de papoia, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, clareia e suaviza a epiderme, impede e destrói as freiras e as ruelas.

UM NARIZ PICADO de papoia, que cura os corrimentos e os pontos, e evita as cicatrizes. Para ser bella, encantar todos os olhos leve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se a barba e a cabeça com o **Extrait Capillaire des Benedictins de Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que tiram branços.

NÃO ARRANQUEM MAIS os dentes estragados e os dentes brancos com o **Elixir dentifrice des Benedictins de Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue de la 4-Septembre, Paris

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)
Xarope sem narcotico recommendado ha já 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Egija-se o **Carimbo official e a assignatura Delabarre**.

FUMOUGE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies

PAPPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS
de **Bis BARRAL**

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. **45 ANOS DE SUCCESOS**.

FUMOUGE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Egija-se a Assignatura **ALBESPEYRES** no **LAOÙ VERDE FUMOUGE-ALBESPEYRES, 78, Faub. St-Denis, PARIS** e em todas as pharmacies.

VINHO DE CHASSAINO
BI-DIABASTIVO
Receitado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS URINARIAS
Paris, Avenue Victoria nº 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" e o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAN PHARMACIAS

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do **IODO** e do **FERRO**.

40
Rua Bonaparte
PARIS



Estas Pilulas são de uma efficaça maravilhosa contra a **Anemia**, **Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangu**.

LE REFIE Incarnat
NOVO PERFUME
SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA

CAUTELA COM AS IMITACÕES
PARIS



PRISAO DE VENTRE
a mais verdadeira
Pó Laxativo de Vichy
do **D. SOULIGOUX** laxante certo.

Agital-se ao pôr star, ferva-se no vapor e filtre-se em um filtro de papel. O vidro de cerâmica de 25 doses e de 50 doses.

PARIS, 117, RUE DE LA HARPE, 117, PHARMACIA

pediu licença para vela, e D. Firmina introduziu-o no quarto.

A moça tinha os olhos fechados e offegava. O barão approximou-se della, e, tomando-lhe uma das mãos ardentes, perguntou-lhe com meiguice:

— Então? que e isso?...
Fadinha sorriu e murmurou:
— Remigio! meu Remigio!...
Delirava.

(Continúa).

A. A.

O enxoval

BALLADA DE CATULLY MENDÉS

No dia em que Isamberte veio ao mundo, seu pae e sua mãe tiveram um grande pezar. Não porque lhes desagradasse a vinda daquelle bello anjo, com uns olhos verdadeiramente celestes e uns labios de flor; foi até grande a alegria que sentiram ao ouvir-se o primeiro vagido do recém-nascido em que se

Teria pois, a pequena Isamberte de dormir o primeiro somno em qualquer miseravel grabato, sem uma camistinha, nua como nascera? Por felicidade, a mãe lembrou-se de um farrapo de cambráia branca, que um dia achara n'uma porção de lixo, e do qual tinha feito uma cortina para a unica janella da cabana.

Fruca e abatida como ficara, e começou a arranjá-la cambráia, lavou-a, apropriou-a, coseu-a e Isamberte teve o seu enxoval, sendo com elle tão bonita como um anjo, com os seus olhos celestes e os seus labios de flor.

II

Quando Isamberte cresceu, tornou-se subitamente triste e deixou de rir e brincar com as outras crianças, na areia da praia.

A pobre criança lembrava-se de que não poderia fazer a sua primeira communhão, por um bello domingo cheio de sol, no meio de uma grande multidão alegre e festiva, na pequena igreja da aldeia.

Ella sabia o catecismo como nenhuma outra, e o Sr. cura, entre o seu rebanho espirital, não tinha uma velha mais humilde e meritória.

Mas para a communhão era preciso um vestido branco, e os paes de Isamberte não eram dessas pessoas ricas que entram nas lojas com as algibeiras cheias de dinheiro, podendo escolher entre vinte qualidades de fazendas, todas magnificas e caras. Mais de uma vez a pobre criança foi encontrada chorando amargamente de frente das vitrines das lojas de modas.

Mas sua mãe disse: — «Não chores, minha querida.» E, tirando de um velho baú todas as peças do enxoval que em tempo fizera do pedaço de cambráia, juntou-as novamente, coseu-as, preparou-as e fez o melhor que pôde um vestido. No dia da primeira communhão, Isamberte apresentou-se na igreja com o seu vestido branco. O bom Deus que vê tudo, fingiu não ver os remendos do corpo do vestido e da saia, satisfeito com aquella pequenina alma intacta, e como Isamberte era a mais bonita, pareceu tambem a toda gente da aldeia que ella era a mais bem vestida.

III

Aos dezoito annos namorou-se de um bonito rapaz, tão pobre como ella. Adjustaram casar, não occultando que se amavam, abraçando-se quando se encontravam.

Iam ambos para a pesca, ella de pés nus, saltando de penedo em penedo, sobre algas escorregadias, elle segurando-a pela cintura para que não cahisse; se ella se voltava, encontrava junto de sua hocca outra bocca de que não fugia, e á volta, quando a maré subia, caminhavam tão proximos um do outro na vermelhidão do poente, que apenas via se ura sombra nos penedos da costa.

Emfim um vivo e sadio desejo de se possuirem, invadiu lhes o coração e os sentidos, e declararam que pretendiam casar sem demora.

Porém a mãe de Isamberte mostrou-se nisto afflicta. «Pensas em semelhante cousa, pequena?» disse ella a sua filha. «Como has de casar, sendo tu tão pobre e miseravel?»

Has de ir a igreja com esses farrapos que te dão o aspecto de uma mendiga, e como te atreverás a estar, ao lado daquelle que te ama, toda esfarrapada? Desta vez foi a filha quem consolou a mãe.

«Não receie respondeu ella. Vou procurar no velho baú o vestido da primeira communhão, que já me serviu de enxoval, e farei delle uma camisa para o dia de casamento.»

E assim fez. Na noite do casamento estava vestida com a velha cambráia do enxoval.

IV

Apezar desta pobreza, foram felizes na sua cabana, onde viveram muitos annos depois da morte dos velhos paes. A alegria de se verem juntos e de se amarem, consolava-os das mais amargas tristezas e não haviam mais lagrimas que seus beijos não secassem immediatamente.

Não tratavam de ganhar senão o estrictamente necessario para não morrerem de fome.

Do seu tempo, que o amor desejaria todo para si, davam algumas horas apenas ao trabalho indispensavel. Não se inquietavam com o dia de amanhã, porque antes delle havia a noite.

A sua alegria augmentava de dia para dia ao abriçarem-se na sua cabana, quando volviavam do trabalho, e como não havia porta, podia ouvir-se ao longe, o echo das suas gargalhadas e das suas palavras ardentes. Muitos ricos tinham inveja da vida daquelles pobres que se amavam.

Um dia Isamberte adoeceu, na miseria a força de viver gasta-se mais depressa do que a força de amar. Agora a pobre rapariga ficava todo o dia deitada no grabato conjugal, com os labios desbotados e amorticados. Junto della o marido afflicto comprehendia que dentro em breve a sua companheira querida iria



O PRINCIPE CARNAVAL

O SEGREDO

Da vez primeira quando o sitio visitára
Eu vi lindo casal de pombos annegrados;
Buscavão seu sustento os ledos namorados
Mostrando, claramente, uma ventura rara.

E vel os desejando agora que eu voltára,
Só vi o pombo negro, em vóos desmarcados,
A colher com afan os grãos abandonados,
E a levar-os no bico á residência cara.

Ingrato! exclamei eu. Enviuvou, de certo
E já prepará á outra o sensual carinho
De peito, ás expansões de um novo amor, aberto!

Segui-o. Que surpresa! Á volta do caminho
A negra pomba vi, dois filhos tendo, perto,
Que não tinham sahido ainda do seu ninho!

Niteroy, 1901.

A. AZAMOR,

expande o espanto de viver; ha em todos os bomens e em todas as mulheres um echo, por muito tempo mudo, que só accorda a esse grito. Mas os paes de Isamberte não tinham podido arranjar o enxoval, a tal ponto eram pobres, os desgraçados!

Viviam perto da costa n'uma velha cabana de madeira carunchosa, sem porta, com o tecto quasi a desabar. Tinham lhes cedido por caridade essa habitação miseravel, onde o vento da noite penetrava até ao leito daquelle pobres, envolvendo-os n um coher tor de ar molhado e de gottas amargas. Quando o homem ia para o mar nem sempre trazia peixe. As redes eram tão velhas, que pelas malhas rotas e em vão concertadas, escapavam quasi sempre as tainhas e os salmões.

A mulher não encontrava que fazer na aldeia, porque os seus pobres andrajos cahiam-lhe aos pedaços, e isto escandalizava as pessoas honestas. Quando não se anda bem vestido, não é possível ganhar para vestir.

De maneira que os dois desgraçados nem sequer poderiam pensar em talhar e preparar pequenitos vestidos, os casaquinhos e as toucas, que tantas mulheres felizes enfeitam, sorrindo de orgulho, de fitas e de rendas,



A sala do Conselho de Augsburg, no Novo Museu Nacional da Baviera em Munich

para não voltar. Durante longas horas olbaram-se os dous, não se falando, com o receio de confessarem os tristes pensamentos. Mas cada qual bem adivinha o que outro estava pensando. Bem cedo iriam separar-se! E o marido de Isamberte tinha além da angustia de perdê-la, uma outra angustia que a pobre rapariga adivinhara:

— «Olha, disse-lhe ella na véspera do dia fatal, eu leio no teu pensamento! Não ha lençoes no nosso leito nem um pedaço de linho na nossa cabana, e tu não sabes como hus-de amortallar-me. Não te afflijas, meu pobre amigo! Procura no velho bahu a camisa do meu noivado que me servio tambem para a primeira communhão, e ella me servirá de mortalha!»

V

No dia seguinte, amortalhada na cambráia do seu noivado, a pobre rapariga dormia no cemiterio. Dous anjos nasceuram do céu num raio de luz.

Vinham buscal-a. Mas eram dous anjos muito pequenos, chegados ha pouco do paraiso e encarregados pela primeira vez da missão de irem á terra procurar os defuntos escolhidos para a felicidade eterna.

Quando afustaram a terra e levantaram a tampa do feretro, ficaram perplexos.

Debeis, como eram, não teriam forças para erguerem o corpo da morta e levalla ao throno do Senhor, porque esse throno era muito alto. Que haviam de fazer? De que meio se serviriam?

Desanimados, iam já voltar novamente ao céu, para pedirem conselho a um seraphim mais experiente, quando descobriram a mortalha de cambráia que a urisa fazia tremer.

Lembraram-se de fazer della umas azas para a morta. Foi um momento. A cambráia foi rasgada e adaptaram-se aos candidos hombros de Isamberte duas azas brancas e a pobre rapariga subio ao céu, quasi resuscitando com o auxilio dessas azas que tinham sido na terra o seu enxoval, o seu vestido da primeira cuminhão, a sua camisa de noivado e a sua mortalha.

Transcripto das folhinhas de algebeira.

Canções sem metro

I
HOJE

Cada pagina da historia é uma lapide e um epitaphio. Em baixo dessas inscrições dormem os séculos.

Poeira, poeira e recordações.

Todas as alegrias do dia de hontem e todas as lagrimas, e angustias, decepções louros e espulhas, apotheeses e martyrios, miserias e grandes azas, fortunas, maldicoes, tudo reverteu em nosso proveito. Passa u o tempo sobre o mundo; e para nós ficou o legado das cinzas.

Por nossa vida foram immoladas as gerações. Dos destroços dessas victimas, nos hoje, ferzes herdeiros, nos alimentamos como grelo egoista que vive da podridão do fructo que o gerou.

Dura necessidade: — viver das cinzas maternas!
Mas está servido o banquete. Os séculos foram sacrificados em holocausto aos vindouros. Vindouros somos nós. A' mesa!
Fartemo nos.

II AMANHÃ

Ha um porto no oceano que é o terror dos nautas. Um abysmo cavado nas aguas atravez do qual, como uma formidavel trombeta, assopra o genio devastador dos cataclysmas. As ondas, exercito selvagem de leões, debatem se doudamente, arqueiam o felino dorso, sacodem como alvissimas jubas a espumarada e rolam rugindo no baratro, devoradas pela vertigem.

A's vezes o redemoinho apanha a embarcação temeraria que ousou avizinhar-se do circo tremendo onde combatem os leões da tormenta...

Não ha mais fugir. A vertigem prende; e a garganta esfomeada do vertice reclama energeticamente a presa. Cumpre celear.

Semelhante ao barco surpreendido pela voragem, nós avançamos para o futuro.

A lei é — proseguir.

Maelstrom devora, o futuro absorve. Vingador escrupuloso do passado, vae viver de nós, como nos vivemos do dia de hontem.

Avante! Avante!

Lá vejo a aurora, a odiosa aurora escancarada no horizonte, como as fauces do monstro fabuloso emboscado no céu. Elle, o avido futuro que nos espera, como uma hyena faminta de mortos!

RAUL POMÉA.

A GIRAFA

A girafa é o animal mais alto dos continentes. Tem 18 a 20 pés de altura, da fronte aos cascos, e só 7 pés de comprimento. O pescoço é demasiadamente comprido, os braços são mais altos que as pernas e as costas, por consequente, inclinadas. A principal cor do seu pelle é amarellada alvadia, com grandes manchas amarellas de forma angulosa.

A patria de te animal singular é a Africa. Os antigos romanos e gregos já conheciam a girafa, e deram-lhe o nome de camelo-pardal, achando-lhe alguma semelhança com o camelo e com a panthera.

O macho, além dos dois chifres por cima do nariz, tem outro, porém menos alto que os primeiros. A estrutura deste animal é muito extraordinaria, e seu andar corresponde á forma do seu corpo. Não trita, mas tem um modo de andar semelhante ao furta passo do cavallo, isto é, avança ao mesmo tempo a mão e a perna do mesmo lado. Anda quasi sempre a galope, inclinando o pescoço para traz e para frente com o fim de manter o equilibrio do corpo; quando o animal vae depressa o pescoço limita os movimentos do mastro de uma embarcação. Parece andar de vagar e, todavia, um cavallo correndo muito, alcança-a difficilmente; é que cada um dos seus passos vence 12 a 16 pés de extensão. Custa-lhe algum tanto a subir as ladeiras.

Tem a lingua muito comprida e preta; pode estendel-a a uma distancia de 6 p' legadas, e com ella apanha a comida. Nutre-se principalmente das folhas e dos ramos de uma mimosa, *Acacia girafa*. Quando quer comer a herva que cresce no chão, vê se obrigado a curvar uma perna como os cavallos.

A girafa amansada é muito quieta; é facil dirigil-a, e nunca se oppõe á vontade do homem.

A carne dos pequenos sabe á vitela e os africanos comem n'a; seu sebo é estimado.



A sala — Renascença, no Novo Museu Nacional de Baviera em Munich

SONETO

Corria-me a insistencia descuidosa,
Toda risos, toda luz, toda alvoradas;
Minha alma ás regiões alcandoradas
Niveas azas bibrava esplendorosas;

Aninhava-se em meu peito dulçorosa
Caudissima esperanza; e as mais sagradas,
Puras illusões dos céos baicadas
Traziam-me n'um sonhar cõr de rosa.

Tudo, pore-m, desfez se; e apenas veio
Agora, quando busco, quando almejo
Novamente gosar do que bei gosado,

Tetrico vulto, dominando tudo,
Negro phantasma, horriavelmente mudo,
Me accusar das ruinas do passado!

Caravellas, 1899.

FIRMINO PEREIRA.

CHRONIQUETA

Rio, 22 de Março de 1901.

Estamos atravessando uma epoca terrivel. Todos os dias as folhas trazem noticias de suicidios, assassinatos, tentativas de suicidio e tentativas de assassinato. Se cumprindo rigorosamente o meu dever de chronista, quizesse eu registrar e commentar os acontecimentos da quinzena, teria que encher estas linhas de tenebrosas historias, e as leitoras ficariam borreiradas...

Acbo que o melhor é deixar em paz os que matam e os que se matam. e procurar outros assumptos mais alegres, ou antes, menos tristes, porque hoje em dia não temos absolutamente assumptos alegres. Vivemos n'uma atmospheria impregnada de melancolia e desconsoação. Creio até que o lumineuse esta perdendo o habito de rir, embora não contrahisse ainda o de chorar.

Pondo de parte as tristezas, onde encontrar materia para o meu artigo?

✱

E' verdade que muitas vezes a comedia está dentro do proprio drama.

Para exemplo ahi temos o caso daquella pobre moça que lia dias, adquirindo a cereza de que ja era casado um miseravel que a tinha pedido em casamento, resolveu matar-se, ingerindo uma dose de sal amargo, na convicção de que era sal de azedas.

O effeito foi ridiculo, mas providencial, e graças a esse energico derivativo, a moça entregou o patife a mercedo desprezo, e enjuro em pouco só se lembrará delle como de um sonho máo, que passou.

Esse facto, que deu ensanchas ao humorismo da imprensa, e forneceu largo assumpto aos grupos em que se fala da vida alheia, e um exemplo que não posso deixar de apontar ás minhas leitoras solteiras. Uma senhorita melindrosa e pura, desejando conservar o seu milindre e a sua pureza, não deve abrir o coração a um homem que não conheça, e do qual não tenha informações exactas e completas.

Mas quando, por ventura, enganada pelas apparencias, levada pela boa fé, apanagio das almas candidas, lhe acontecer o mesmo que succedeu áquella noiva illudida, não procure matar-se, pois se algum deveria pagar com a vida o seu erro, seria, não ella, mas o infame.

Casamento que por tal motivo se desfaz, desgosta, aborrece, mas não desmoralisa uma senhora. Não haverá razão para que mais tarde, passada a impressão d'esse desagradavel incidente da sua vida, ella não encontre um homem digno de ser seu esposo, substituindo por este o desalmado que a enganou.

Esse homem poderá fazel-a feliz, ceical-a de solitudine e de affecto, e preparar-lhe um futuro tranquiilo e reparador, e quando ella um dia amamentar o seu primeiro filhinho, e sentir a sua alma illuminada pelo sorriso d'essa criança, agradecerá mais uma vez á Providencia, que transformou o bixalato de potassa em sulfato de magnesia.

ELOY, O HEROI

THEATROS

A companhia lyrica do S. Pedro cantou detestavelmente a *Cavalleria Rusticana*; em compensação, cantou menos mal o *Rigoletto* e o *Barbiero de Sevilha*.

A primeira dessas operas foi dada em homenagem a Verdi.

✱

No Lucinda tivemos uma velha comedia do Dr. Castro Lopes, a *Emancipação das mulheres*, refundida e modernisada pelo Sr. Domingos de Castro Lopes, filho do autor.

Não queremos, n um jornal de senhoras, dizer ban de uma peça que mette a ridiculo o feminismo. Limitamo-nos a dizer que a *Emancipação das mulheres* fez rir e foi applaudida.

Quanto ao desempenho dos papeis, convem citar os artistas Lucilia Peres e Ferreira de Souza

✱

No Recreio fez se uma reprise do *Amor melhado*. O publico, que decididamente está fado de reprises, voltou as costas ao theatro, e fez muito bem.

✱

Falleceu em Pariz a grande actriz Croizette, que ha muito tempo abandonara a arte, casando-se com o millionario Sterne. Foi uma das figuras mais notaveis do pessoal da Casa de Moliere.

N. Y. Z.

—•X—X•—

A Virgem Santissima

N'um sonho tolo de incerteza,
De nocturna e indizivel anciedade,
Foi que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza.

Não era o vulgar brilho de belleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade
Que até não sei si as ha na natureza.

Um mystico soffrer... uma ventura.
Feita só de perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira.

O' visão, visão triste e piedosa
Fita-me assim calada, assim chorosa
E deixa-me sonhar a vida inteira.

ANTHER DE QUENTAL.

Mosaico

O conselheiro Zimphilio Barama deu agora para pintar, e apresenta uma bola medonha no exame de um dos nossos grandes artistas.

O artista (depois de examinar em todos os sentidos: — Isto é uma amostra d' que o senhor já sabe fazer?

O conselheiro. — E', sim, senhor.

O artista. — Mas... e que vem a ser? Não comprehendendo bem... Poderia explicar-m'o?

O conselheiro. — Isso... é... é... é um projecto de esboço!

✱

Um inglez chegado á capital federal dirigiu-se a um transeunte:

— Perdão mim, senhor, mas faz favor, a rua do meu hotel?

— Como se chama o seu hotel?

— Oh! uma bella hotel... mas eu esqueceu o nome da rua.

Embaraço do transeunte. O inglez continua:

— Um grande rua estreita...

— Mas é-me impossivel, meu amigo, adivinhar assim.

— Senhor não quer ensinar mim?

— E'-me impossivel.

— Oh! senhor pouco delicada.

— Ora pilulas! Eu creio que você bem devia morar no hospicio...

Oh! yes, rua do Hospicio... Muito obrigada, senhor, diz o inglez contentissimo.

✱

Um pequeno entra numa botica e pede:
— Dê me tres vintens de agurante para minha mãe alcanphorada que torceu um pé nesta garrafa.

PRECES

Foi n'esta voz que tu já não conheces,
voz que soffica, tremula e dorida,
que en fiz as minhas derradeiras preces
no teu altar, querida!

E como o moribundo o olhar magoado
estende para os céos em agonia,
volvi o olhar para o teu vulto amado,
que ao longe, ao longe desaparecia...

JOSE HENRIQUE.

Aguas de Vichy

Garanlidas, NOVAS

e LEGITIMAS das seguintes fontes

Celestins. } Preço da caixa
Hanterive Pres. } com 50 garrafas
Grande Grille. } Rs. 68:000
Hôpital. }

A venda CASA LOMBAERTS

7, Rua dos Ourives, 7

N. B. — Remette-se para o interior accrescentando-se ao preço acima as despesas de frete.

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas

DE

Fertim de Vasconellos, Morant & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

Folkas

Brincando, por H. Dias, 180 0

Vai sabindo, por A. Keller, 18000

Tangos

Sô de mão, por E. Telles, 180 0

Ferrege, por E. Telles, 18000

Tango do pianista, por Costa Junior, 18000

Valsas

Tristeza d'alma, por Marius, 18000

Dolente, por Carlos Marques, 18000

Tragabalas com letra, por Costa Junior, 180 0

Amor que mata, por J. G. Christo, 180 0

Desprezenciosa, por J. G. Christo, 18000

Elegante, por A. Cavalcanti, 18000

Juracy, por A. Nunes, 18000

Licéa, por Evora Filho, 180 0

Mens oito annos, por O. Carneiro, 18000

O teu olhar me seduz, por Evora Filho, 18000

Schottisch

Alzira, por Campos Junior, 18000

Guanabara, por I. Madeira, 18000

Grimalda de noiva, por Evora Filho, 18000

Primeiro Amor, por E. Telles, 18000

Quadrilhas

Borb letas, por E. Couto, 18000

Recordações da infancia, por J. M. Lacerda, 18000

147, RUA DO OUVIDOR, 147



CRÈME SIMON
PARA
conso var ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmospheria, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÔS** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE** Crème Simon, preparados com gliceria, a sua acção benefica é tão evidente que não ha miguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS

PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e Lojas de Cabelleiros.

Desconfiar das Imitações.

UMA CONSULTA

Comedia representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Theatro Recreio Dramatico, em 8 de Março de 1901

Personagens

Um doutor..... Sr. Eugenio de Magalhães.
Uma senhora..... D. Cecilia Porto.
A scena passa-se no Rio de Janeiro.

O theatro representa um consultorio de advogado.

SCENA PRIMEIRA

Levantada o panno o DOCTOR esta sentada a uma mesa com de papéis, examinando com muita attenção uns autos, consultando livros, etc. De repente entra um genho barbaudo de humo quebrado, hum barulho que parece vir do tecto. O genho verga-se furioso.

O DOCTOR.

Isto é insupportavel! Não tenho licença de estudar!... Mora cá por cima um medico... um medico velho, que tem a mania da louca antiga. É um colleccionador. Quer pendurar enormes pratos e jarrele, tem a vista cansada, e de vez em quando é isto que se vê... quero dizer: que se cave! E eu preciso estudar tranquillamente o meu processo de amanhã. Trata-se do thesoureiro de uma repartição publica, que desfalcou o cofre confiado á sua guarda. O crime está provado e mais que provado, mas é indispensavel convencer o jury de que o homemsinho é puro como uma flor... e de que, longe de ter desfalcado o cofre, poz lá muitas vezes dinheiro do seu bolsinho... (*Novo barulho de louca quebrada*) Mas vou lá trabalhar com um visinho destes! Decididamente, preciso arranjar um interior... Na minha vida falta alguma coisa... Se eu tivesse a familia, pagava nestes autos e me metia em casa... Mas o meu isolamento aborrece-me... Estou aqui estorpeado, mas... com quem? (*Suspira. Batem a porta*) Peior! Entre quem é.

SCENA II

O DOCTOR, UMA SENHORA.

A senhora entra, e para ao entrada da sala, attonada.

O DOCTOR.

Queira sentar-se, minha senhora, e dizer o que ordena. (*Aparte.*) É bonita!

A SENHORA, sem se sentar.

Desculpe-me, doutor... estou surpresa... supponha encontrar...

O DOCTOR.

Esteja á vontade, minha senhora, e tenha toda a confiança em mim. Este consultorio é um confessorio.

A SENHORA.

Sim, mas é que eu julgava... (*Baixa os olhos.*)

O DOCTOR, *aparte.*

É linda! (*Alto.*) Aqui tem uma cadeira.

A SENHORA.

Estou perturbadissima... (*Senta-se.*) A vista da sua grande reputação, supuz que o doutor fosse mais velho...

O DOCTOR.

A supposição é lisonjeira para mim

A SENHORA.

Julguei encontrar aqui um homem de ededillos brancos e veneravel aspecto... Se o doutor tivesse sessenta annos, eu com certeza estaria mais senhora de mim...

O DOCTOR.

Infelizmente só tenho pouco mais de metade, e os meus cabellos estão ainda pretos. Quanto ao aspecto venerando, pode ser perfectamente substituido pela intenção honesta de pôr os meus serviços á disposição de V. Ex.

A SENHORA.

Devo parecer-lhe ridicula...

O DOCTOR.

Oh! minha senhora! (*Vae buscar uma cadeira e senta-se*)

A SENHORA.

O doutor não é culpado de ser tão moço, e...

O DOCTOR.

E...?

A SENHORA.

É verdade que, quando me indicaram o seu nome e me fizeram notar a bonita reputação que tem adquirido, não me disseram que o doutor fosse um senario; fui eu que o imaginei assim, como se a natureza fosse um auxiliar imprescindivel da sciencia. Pergo-lhe que me perdôe não ter sabido dominar a minha impressão.

O DOCTOR.

Mas por amor de Deus, minha senhora! Estou honradissimo!

A SENHORA.

Um dos meus delectos é não saber dissimular, a minha physiognomia é um livro aberto.

O DOCTOR.

Que é um defeito da qualidade.

A SENHORA.

Será, mas ás vezes bem perigosa. As impressões e os pensamentos, por mais innocentes que sejam, não devem transparecer nos olhos; infelizmente não aprendi a dissimular nem mesmo diante de meu marido.

O DOCTOR.

É casada?

A SENHORA.

Viuva.

O DOCTOR.

Tão nova?

A SENHORA.

Meu marido era muito... mas muito mais velho que eu. Vendo-me orphã aos 17 annos, offereceu-me a sua protecção. Era tão bom, tão paternal para mim! Por isso, tive um grande desgosto quando o perdi, depois de anno e meio de casados. A minha viuvez foi uma segunda orphanidade.

O DOCTOR.

Tem um filho?

A SENHORA.

Não, senhor. Estou sozinha no mundo como quando morreu meu paee... mas nessa occasião tive a felicidade de encontrar um amigo... e que amigo! Meu marido era todo desvellos e carinhos, para compensar, dizia elle, a penosa existencia a que me obrigava a sua idade madra.

O DOCTOR.

Naturalmente V. Ex. vivia mettida em casa.

A SENHORA.

Nunca foi a um baile

O DOCTOR.

Oh!

A SENHORA.

Mas vejo, doutor, que lhe estou fazendo perder tempo.

O DOCTOR.

De modo algum, minha senhora, V. Ex. vem consultar-me, não é assim? Pois bem, naturalmente comprehenderei melhor o motivo de sua consulta desde que estiver ao facto do seu character, dos seus habitos, do seu modo de vida...

A SENHORA.

Tem razão, doutor; as contrariedades exercem grande influencia sobre a saúde e o espirito. Tudo me aborrece. Sou muito nervosa.

O DOCTOR.

Sim?

A SENHORA.

Excessivamente nervosa!

O DOCTOR.

Deveras? Mas talvez... Continue, minha senhora.

A SENHORA.

Disse-lhe que nunca fui a um baile; entretanto, não ha nada tão salutar como o exercicio... Mas com quem hei de ir aos bailes? Um viuva moço não tem licença para nada. Suspiro pelos quarenta annos, para não ter que dar tão por mudo contas a sociedade.

O DOCTOR.

Oh! não digo isso, minha senhora... Aos vinte annos... V. Ex. tem vinte annos?

A SENHORA.

Pouco mais de meus.

O DOCTOR.

Pouco menos?

A SENHORA.

Pouco mais.

O DOCTOR.

É a mesma coisa. Nessa cidade a mulher e soberana... todas a admiram... todos os olhares lhe dizem que é bonita... todos os labios o repetem... Mas aos quarenta annos a soberana abdica... os olhares emudecem quando ella passa... e a pobresinha o melhor que tem a fazer é ficar em casa resando ou jogando a biseia em familia.

A SENHORA.

Não tive tempo de constituir a minha soberania, e já agora creio que jamais reinarei. Mas, ainda uma vez, doutor receio roubar-lhe tempo.

O DOCTOR.

Não, não, não, minha senhora! Ouvindo a, experimento um prazer que quizerá prolongar indefinidamente... Na minha vida são tão raros os momentos agradaveis... assisto de continuo a scenas tão dolorosas... tão repugnantes...

A SENHORA.

Mas quantos lhe deve a vida!

O DOCTOR.

Oh! minha senhora! agradeço muito a V. Ex. o conceito em que me tem.

A SENHORA.

Foi justamente esse conceito que me fez bater com tanta confiança á sua porta. O doutor ha de curar-me!

O DOCTOR.

Curar-a?!

A SENHORA.

Curar-me, sim! De que se admira? Pareço-lhe sadia?

O DOCTOR.

Certamente... com essas cores...

A SENHORA.

Pois saiba que estou bastante doente.

O DOCTOR, *aparte.*

Enganou-se de porta. (*Apona para o tecto.*)

A SENHORA.

Creio que tenho o coração affectado.

O DOCTOR.

Sim? (*Aparte.*) Devo desfazer o engano?

A SENHORA.

S firo de palpitações... (*Elle vae a interrompê-la.*) Sim, doutor de palpitações. Insomnias, pezadellos... Tudo isso provém, talvez, da vida aborrecida que passo.

O DOCTOR.

Que conta fazer?

A SENHORA.

O doutor m'o dirá. Não sei o que isto é alimento-bem, sou naturalmente alegre... mas... e exquisto: choro por da cá aquella palha, principalmente á noite, quando estou sozinha... na forma do costume. Deito-me, e as horas passam com uma lentidão!... Revolvo-me no leito sem conseguir conciliar o somno, accendo a vella, leio... e pela manhã levanto-me tão fatigada... tão fatigada... que nem animo tenho de pssar os olhos pelos jornaes.

O DOCTOR.

E ninguem que a distraia... que...?

A SENHORA.

Ninguem. A's vezes vou a ma do Ouvidor com a baroneza de Pecuman, que é minha amiga.

O DOCTOR.

Conheço a.

A SENHORA.

Mas a baroneza tem filhos, precisa cuidar dos arranjos de casa, e não pode estar todos os dias as minhas ordens. Foi ella quem me aconselhou que o consultasse.

O DOCTOR.

Minha senhora, o meu dever seria confessar-lhe que não sou digno da sua confiança... que não posso curar-a... que devo renunciar ao prazer de lhe ser util...

A SENHORA.

Meu Deus! estou assim tão mal? Já não ha esperanza de salvamento? Oh! eu sou tão moça ainda...

O DOCTOR.

Vinte annos... pouco mais ou menos.

A SENHORA.

Oh! salve-me, salve-me, doutor!...

O DOCTOR.

V. Ex. pede: não posso resistir. Salva-a hei! (*Sentase.*)

A SENHORA.

Aqui tem o meu pulso.

O DOCTOR.

Que lindo pulso!... e que mão!... Mas tão branca... tão branca... É um symptoma, sabe?

A SENHORA.

De que?

O DOCTOR.

De... de... de hematose...

A SENHORA.

Que vem a ser isso?

O DOCTOR.

Oh! a hematose... é tudo e não é nada... Um doente muito sujeito a vertigens... que tem? hematose! Outro, que padece neuralgias... outro que digere mal... outro que sente dores na espinha, e os pés frios, e o diabo!... que tem? hematose! Tudo isso é hematose!... (*Aparte.*) Nunca disse taxa a senhora!...

A SENHORA.

Que costuma reter-lhe?

O DOCTOR.

Costeletas e vinho do Porto.

A SENHORA.

É um remedio facilissimo de tomar.

O DOCTOR.

Sim, mas ha hematose e hematose. O tratamento da molestia depende muito do sexo, da idade, do organo atacado...

A SENHORA.

Em mim o organo atacado é o coração.

O DOCTOR.

Em mim tambem.

A SENHORA.

O doutor sofre do coração?

O DOCTOR.

Muito.